

# GEOPOLÍTICA DA FRANÇA: REVISÃO DOUTRINÁRIA NUCLEAR ESTRATÉGICA DE 2026

*Análise da atualização da doutrina nuclear francesa para 2026, o papel de Paris na contenção da Rússia com o Reino Unido, suas vulnerabilidades estratégicas e as lições para o Brasil, que faz fronteira com a Guiana Francesa e sofre pressões sobre a Amazônia.*

**Carlos Alexandre Klomfahs\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

*“Nunca agir por paixão, mas por reflexão” – Baltasar Gracián, filósofo espanhol, Aforismo 189 da Arte da Prudência (Aconselha que o sábio avalia o perigo antes de se envolver, agindo com desconfiança e distanciamento perante pessoas de intenções duvidosas).*

**A** rigor, a França ocupa uma posição singular no sistema internacional contemporâneo por combinar capacidade nuclear independente, assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, elevada projeção militar e ambições históricas de liderança europeia. Diante da deterioração da segurança continental provocada pela guerra na Ucrânia e pelo recrudescimento das tensões entre a Rússia e a OTAN, Paris atualizou sua doutrina de dissuasão nuclear.

Em seu discurso sobre o assunto, em 2 de março de 2026, o presidente francês propôs o envolvimento dos países europeus na dissuasão nuclear, marcando uma mudança

significativa na doutrina nuclear francesa, ampliando sua cooperação estratégica com aliados europeus sem renunciar ao princípio fundamental da autonomia decisória nacional.

A relevância para a soberania brasileira reside no fato de que são líderes políticos da França, Noruega<sup>1</sup> e Alemanha, que costumam liderar os debates na ONU sobre a conservação amazônica e sua elevação a um *status* internacional, gerando discussões diplomáticas permanentes sobre soberania e responsabilidade internacional do Brasil.

Isto posto, o presente artigo, considerando adicionalmente que compartilhamos uma fronteira com a OTAN, através da Guiana Francesa, tem o objetivo geral de acompanhar suas movimentações militares, analisando a geopolítica francesa, suas vulnerabilidades estruturais e a evolução recente de sua doutrina nuclear, buscando responder por meio de uma linha argumentativa coesa e coerente à seguinte Pergunta de Pesquisa: como a França vem liderando, ao lado do Reino Unido, a coalizão europeia de contenção da Rússia?

## INTRODUÇÃO

A política externa francesa historicamente busca conciliar autonomia estratégica, influência global e liderança continental. Desde o período napoleônico até a construção da União Europeia, Paris procurou evitar a emergência de uma potência hegemônica no continente capaz de ameaçar seus interesses nacionais.

A atual crise de segurança europeia recoloca a França em posição central. Juntamente com o Reino Unido, o país assumiu papel relevante no apoio político e militar à Ucrânia e na coordenação de esforços europeus de contenção da Rússia. Essa postura encontra raízes em rivalidades históricas, interesses geopolíticos permanentes e na preservação do equilíbrio de poder europeu.

Nesse contexto, este estudo investiga como a França utiliza seus instrumentos políticos, militares e nucleares para reafirmar sua liderança estratégica na Europa.

## 1. GEOPOLÍTICA DA FRANÇA<sup>2</sup> E A BUSCA PELA LIDERANÇA EUROPEIA

### 1.1 POSIÇÃO GEOGRÁFICA E RECURSOS ESTRATÉGICOS

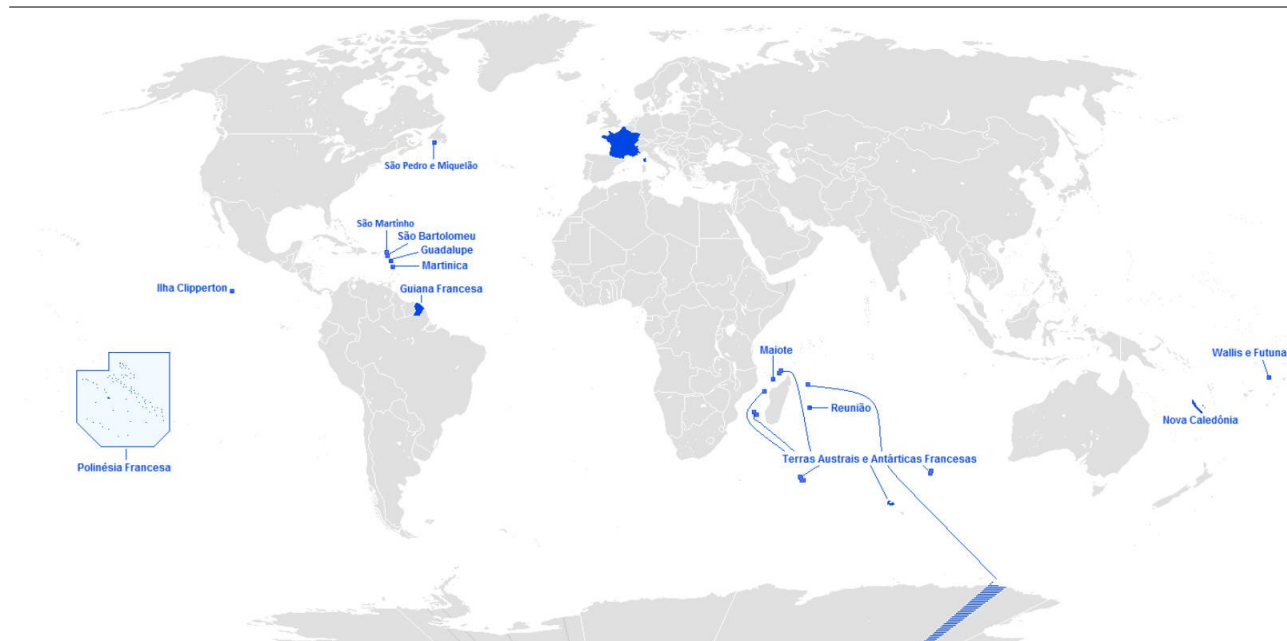
Desde Carlos Magno, filho de Pepino o Breve, no Século IX, como superpotência territorial descentralizada em termos de extensão territorial e hegemonia política absoluta, a França atual possui um território menor do que o vasto Império Carolíngio, que cobria grande

1 Veja mais em: [https://www.youtube.com/watch?v=4Zq8MzVEc\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=4Zq8MzVEc_Q).

2 Veja mais em: [https://www.youtube.com/watch?v=9f\\_7rbb0i6U](https://www.youtube.com/watch?v=9f_7rbb0i6U).

parte da Europa Ocidental e Central.

Com efeito, a França<sup>3</sup>, que se define como um país anfíbio, tem, em termos de proporção ao seu tamanho, um perfil militarmente agressivo e colonizatório (número de operações militares, submissão dos povos conquistados, intervenções e coordenação de operações de paz no Conselho de Segurança da ONU<sup>4</sup>). Diplomáticamente, divide-se entre potência terrestre e naval. Possui 68 milhões de habitantes, área de quase 675 mil km<sup>2</sup> (incluindo regiões e territórios ultramarinos) e divide com o Brasil sua maior fronteira (730 km); contabiliza 18 regiões administrativas, cinco territórios ultramarinos, 16,4% do PIB europeu, um efetivo de 215 mil militares somados a 40 mil reservistas, e uma das localizações mais privilegiadas da Europa Ocidental. Seu território conecta o Atlântico ao Mediterrâneo e faz fronteira com importantes centros econômicos do continente.



Departamentos e territórios franceses (SEPRodrigues/Wikimedia Commons/CC BY-SA 4.0).

Os imperativos geopolíticos da França<sup>5</sup> baseiam-se na busca por autonomia estratégica, liderança europeia e projeção global. Para garantir sua soberania, Paris foca em pilares como a dissuasão nuclear, a independência militar em relação a superpotências e o equilíbrio de poder dentro da União Europeia.

Além da posição geográfica favorável, destaca-se por extensa infraestrutura logística e industrial; elevada capacidade agrícola, sendo uma das maiores produtoras de alimentos da Europa; forte matriz energética baseada em energia nuclear; ampla disponibilidade hídrica sustentada por rios estratégicos como Sena, Reno e Ródano; e a segunda maior Zona Econômica Exclusiva (ZEE) do mundo, graças aos territórios ultramarinos.

Esses fatores conferem ao país capacidade de projeção regional e global.

3 Cf. [https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/eu-countries/france\\_pt](https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/eu-countries/france_pt).

4 Confira em: <https://onu.delegfrance.org/united-nations-peacekeeping>.

5 Veja mais sobre o declínio do poder francês em: <https://diplomatie.org.br/franca-para-entender-o-declinio/>.

## 1.2 RIVALIDADES HISTÓRICAS E EQUILÍBRIO DE PODER

A política externa francesa foi moldada por séculos de competição estratégica com três grandes potências europeias, sempre se equilibrando de um lado ou outro a depender das capacidades de cada um e do nível de ameaças.

**Alemanha:** A rivalidade franco-alemã dominou a política europeia entre os séculos XIX e XX. As guerras de 1870, 1914 e 1939 transformaram a Alemanha na principal ameaça terrestre percebida por Paris.

**Reino Unido:** Embora atualmente sejam aliados, franceses e britânicos travaram sucessivos conflitos pela hegemonia europeia e colonial. A cooperação atual resulta de convergências estratégicas diante de ameaças comuns.

**Rússia:** A relação franco-russa alternou períodos de cooperação e rivalidade. Após a Revolução Russa de 1917, França e Reino Unido participaram da intervenção militar contra os bolcheviques durante a Guerra Civil Russa. Atualmente, as divergências reaparecem em torno da segurança europeia, da Ucrânia e do equilíbrio estratégico continental.

### RIVALIDADES HISTÓRICAS E EQUILÍBRIO DE PODER

POTÊNCIA	PERÍODO DE RIVALIDADE	NATUREZA DA RELAÇÃO	IMPACTO ESTRATÉGICO ATUAL
<b>ALEMANHA</b>	Séculos XIX–XX (Guerras de 1870, 1914, 1939)	Ameaça terrestre histórica; competição pela hegemonia continental europeia	Parceria no eixo franco-alemão da UE; cooperação no projeto FCAS; equilíbrio de poder dentro da União Europeia.
<b>REINO UNIDO</b>	Séculos XVII–XX (rivalidade colonial e hegemônica)	Conflitos pela hegemonia europeia e domínio colonial; rivalidades marítimas	Aliança estratégica atual; cooperação nuclear e militar; parceria na contenção da Rússia e apoio à Ucrânia.
<b>RÚSSIA</b>	Século XX – presente (Guerra Fria e pós-2022)	Alternância entre cooperação e rivalidade; divergências sobre segurança europeia	Principal ameaça estratégica atual; motor da atualização doutrinária nuclear francesa de 2026.

*Rivalidades históricas que moldaram a política externa francesa e seu impacto estratégico no cenário europeu contemporâneo.*

## 1.3 FRANÇA E REINO UNIDO NA CONTENÇÃO DA RÚSSIA

A liderança franco-britânica decorre de fatores objetivos: são as duas únicas potências nucleares europeias, possuem assentos permanentes no Conselho de Segurança da ONU, mantêm forças expedicionárias com capacidade global, possuem indústrias militares avançadas e compartilham preocupação com a estabilidade do flanco oriental europeu.

Apesar das rivalidades históricas, ambos os países compreendem que uma expansão da

influência russa no continente reduziria significativamente sua capacidade de liderança estratégica.

## 2. VULNERABILIDADES ESTRATÉGICAS DA FRANÇA

### 2.1 VULNERABILIDADES GEOGRÁFICAS

Apesar de suas vantagens geopolíticas, a França apresenta fragilidades históricas que podem ser exploradas pela Rússia e, sob minha perspectiva de análise, não há muita coisa a fazer quanto ao emprego de recursos materiais e econômicos no curto e médio prazo.

**A Planície do Norte:** A principal vulnerabilidade territorial francesa encontra-se na fronteira nordeste. Integrada à Grande Planície Europeia, essa região possui poucas barreiras naturais capazes de dificultar grandes ofensivas terrestres. Historicamente, constituiu a principal rota de invasão do território francês.

**Dependência dos sistemas fluviais:** Os grandes rios franceses desempenham funções econômicas e energéticas fundamentais. Entretanto, secas severas reduzem a navegabilidade, ondas de calor comprometem a refrigeração de usinas nucleares e interrupções logísticas afetam cadeias produtivas estratégicas.

**Vulnerabilidade de Paris:** A concentração política, econômica e administrativa na região parisiense gera riscos significativos. Grandes enchentes na Bacia de Paris poderiam interromper sistemas de transporte, comunicações e centros decisórios nacionais por períodos prolongados.

**Territórios Ultramarinos:** A dispersão global dos territórios franceses amplia sua influência internacional, mas impõe desafios, como custos elevados de defesa, necessidade de projeção naval permanente, tensões separatistas locais e dependência logística de longas linhas de comunicação.

### 2.2 VULNERABILIDADES INDUSTRIAIS E TECNOLÓGICAS

#### **DEPENDÊNCIA DE CADEIAS GLOBAIS**

A indústria francesa, como quase a totalidade dos países europeus, necessita importar terras raras, semicondutores, minerais estratégicos e componentes eletrônicos avançados. Essa dependência reduz a autonomia industrial em cenários de guerra prolongada.

#### **DESAFIOS TECNOLÓGICOS**

Projetos multinacionais como o Future Combat Air System (FCAS) enfrentam divergências relacionadas à liderança industrial, transferência tecnológica e repartição de custos.



*Sistema de Armas de Próxima Geração<sup>6</sup> (NGWS, em inglês). Nesse “sistema de sistemas”, caças de nova geração tripulados irão operar em conjunto com veículos remotos não tripulados, todos conectados a outros sistemas no espaço, no ar, em terra, no mar e no ciberespaço, por meio de uma nuvem de dados chamada “Nuvem de Combate” (Airbus).*



*Os sistemas de transporte remoto, lançados de aeronaves como o A400M, darão suporte a aeronaves tripuladas com um alto grau de autonomia (Airbus).*

## **GUERRA CIBERNÉTICA**

A crescente digitalização das Forças Armadas expõe o país a espionagem estratégica, principalmente dos EUA e Inglaterra; sabotagem de infraestrutura crítica; ataques contra

6 Cf. <https://www.airbus.com/en/products-services/defence/future-combat-air-system-fcas>.

sistemas de comando e controle; e vulnerabilidades ligadas à computação em nuvem e inteligência artificial.

## 2.3 DESAFIOS DE PESSOAL MILITAR

A França enfrenta dificuldades crescentes de recrutamento e retenção. Entre os principais problemas destacam-se jovens com pouca rusticidade e acomodados pela tecnologia do mundo moderno; déficit crônico de efetivos; sociedade pouco afeita a riscos e sensível a perdas humanas; elevada rotatividade; concorrência salarial com o setor privado; escassez de especialistas em áreas tecnológicas; e dificuldade de adaptação das estruturas militares às expectativas das novas gerações.

Esses fatores limitam a capacidade de expansão rápida das forças em conflitos de alta intensidade.



*Síntese das principais vulnerabilidades estratégicas francesas, organizadas em três dimensões: geográfica, industrial e tecnológica, e de pessoal militar.*

## 3. ATUALIZAÇÃO DA DOCTRINA NUCLEAR FRANCESA PARA 2026

### 3.1 FUNDAMENTOS DA DISSUAÇÃO FRANCESA

A França já teve 25 presidentes ao longo de sua história republicana, desde a eleição de Luís Napoleão Bonaparte em 1848. Após a presidência de Charles de Gaulle, a estratégia nuclear francesa baseia-se na independência nacional.

O arsenal nuclear francês é estimado em cerca de 290 ogivas operacionais, mas está

passando por um processo de expansão e modernização sob as ordens do presidente Emmanuel Macron. A França, apesar de não possuir uma tríade clássica (terrestre, aérea e marítima), opera um modelo de dois pilares voltado fortemente para o *second strike* (capacidade de segundo ataque).

#### **COMPONENTE MARÍTIMO (PRINCIPAL PILAR DE DISSUAÇÃO)**

É o ponto nevrálgico da capacidade de segundo ataque francesa. A Marinha<sup>7</sup> opera submarinos nucleares lançadores de mísseis balísticos (SNLE) da classe Triomphant, equipados com mísseis M51. Esses submarinos patrulham os oceanos de forma furtiva e contínua, garantindo que, mesmo que o território francês seja devastado, a nação tenha poder de fogo para retaliar.

Diferentemente de outros países europeus, a França mantém controle integral sobre a produção, emprego, planejamento e comando de suas armas nucleares. O objetivo central não é vencer uma guerra nuclear, mas impedir que ela ocorra.

### **3.2 DISSUAÇÃO AVANÇADA E EUROPEIZAÇÃO DA ESTRATÉGIA**

A atualização doutrinária para 2026 introduz o conceito de “dissuasão avançada”. Os principais elementos são:

**Integração com aliados europeus:** A França passou a ampliar a participação de parceiros europeus em exercícios estratégicos relacionados à dissuasão nuclear.

**Implantação direcionada:** Aeronaves francesas com capacidade nuclear poderão ser deslocadas temporariamente para territórios aliados, demonstrando solidariedade estratégica e reforçando a credibilidade do guarda-chuva nuclear europeu.

**Soberania decisória:** Apesar da ampliação da cooperação, Paris reafirma que somente o Estado francês poderá decidir sobre o eventual emprego de armas nucleares.

### **3.3 AMPLIAÇÃO DO ARSENAL**

O agravamento do ambiente estratégico europeu, combinado com a erosão dos regimes de controle de armas nucleares, levou ao fortalecimento da capacidade dissuasória francesa. Embora os números permaneçam sigilosos, autoridades francesas indicam modernização e possível ampliação qualitativa e quantitativa do arsenal.

### **3.4 PRINCÍPIOS PERMANENTES**

A nova doutrina preserva três fundamentos históricos:

**Suficiência rigorosa:** O arsenal deve permanecer no menor nível compatível com uma dissuasão crível.

<sup>7</sup> Veja mais em: <https://www.defense.gouv.fr/marine/force-daction-navale-fan>.

**Ambiguidade estratégica:** Os “interesses vitais” franceses não são definidos de forma precisa, aumentando a incerteza para potenciais adversários.

**Não proliferação:** As armas nucleares continuam sendo consideradas instrumentos políticos de última instância e não armamentos destinados ao campo de batalha convencional.

## DOCTRINA DE DISSUAÇÃO NUCLEAR FRANCESA: ANTES E APÓS 2026



*Comparativo entre a doutrina de dissuasão nuclear francesa tradicional e o modelo de dissuasão avançada introduzido pela revisão doutrinária de 2026, com destaque para os três princípios permanentes preservados em ambas as concepções.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado ao longo de nossa linha argumentativa, a França procura consolidar sua posição como principal potência militar da União Europeia mediante a combinação de influência diplomática, capacidades convencionais e dissuasão nuclear independente. A parceria com o Reino Unido na contenção da Rússia não elimina rivalidades históricas, mas reflete convergência de interesses diante do atual ambiente estratégico europeu.

Ao mesmo tempo, o país enfrenta vulnerabilidades relevantes: fragilidades geográficas, dependência industrial de cadeias globais, desafios de recrutamento militar e crescente exposição cibernética.

A atualização da doutrina nuclear para 2026 representa uma tentativa de fortalecer a segurança europeia sem abrir mão do princípio central da autonomia estratégica francesa. Dessa forma, Paris busca equilibrar liderança continental, cooperação com aliados e preservação de sua soberania nacional, porém encontra diversas vulnerabilidades que não a qualificam para provocar a Rússia, e nem iniciar ou sustentar uma operação militar

contra ela.

## LIÇÕES ESTRATÉGICAS PARA O BRASIL

Considerando que o Brasil compartilha fronteira com a Guiana Francesa, território ultramarino francês que integra a União Europeia e está protegido pelos mecanismos de defesa da OTAN, podem ser destacadas duas lições estratégicas:

**Autonomia estratégica requer base industrial própria:** A experiência francesa demonstra que projeção de poder e independência diplomática dependem de capacidade nacional em setores críticos, como defesa, energia, espaço, tecnologia e indústria de alta complexidade.

**Dissuasão depende de capacidades aeroespaciais permanentes e não apenas de intenções:** A credibilidade estratégica é construída por meio de forças armadas profissionais, alianças estratégicas, infraestrutura logística, domínio tecnológico aeroespacial para emprego de drones, radares, mísseis e satélites, e planejamento de longo prazo. Estados que mantêm capacidades robustas ampliam sua liberdade de ação em ambientes internacionais competitivos.

## LIÇÕES ESTRATÉGICAS PARA O BRASIL

*Aprendizados da experiência francesa e sua aplicabilidade ao contexto brasileiro*

### AUTONOMIA ESTRATÉGICA

Projeção de poder exige base industrial própria em defesa, energia, espaço e tecnologia de alta complexidade.

**Aplicabilidade ao Brasil:**

Alta — setor de defesa e programa nuclear naval.

### CAPACIDADES AEROESPACIAIS

Dissuasão crível requer domínio aeroespacial: drones, radares, mísseis, satélites e logística de longo alcance.

**Aplicabilidade ao Brasil:**

Alta — Programa Astros, VLS e monitoramento amazônico.

### SOBERANIA E FRONTEIRAS

Fronteira com território da OTAN (Guiana Francesa) exige monitoramento estratégico permanente e prontidão operacional.

**Aplicabilidade ao Brasil:**

Média-Alta — SISFRON e operações na Amazônia Legal.

### COOPERAÇÃO REGIONAL

Alianças estratégicas ampliam capacidade de dissuasão sem abrir mão da autonomia decisória nacional.

**Aplicabilidade ao Brasil:**

Média — UNASUL, CDSN e acordos bilaterais de defesa.

*Matriz de lições estratégicas derivadas da experiência francesa e sua aplicabilidade ao contexto brasileiro, considerando as dimensões de autonomia estratégica, capacidades aeroespaciais, soberania e fronteiras, e cooperação regional.*

No curto prazo, não se vislumbram possibilidades de aventuras europeias contra nossa soberania, mas não custa lembrar às novas gerações que fomos colônia de exploração europeia de Portugal por 322 anos. Só a Holanda ficou 24 anos (1630-1654) no Brasil (Bahia e Pernambuco) até sua expulsão. A França (com duas expedições: França Antártica, Rio de

Janeiro, entre 1555-1567, e França Equinocial, Maranhão, entre 1612-1615) ficou entre nós 15 anos, portanto, como diz o ditado em latim, *horrescit gelidas felis adustus aquas*: “gato escaldado tem medo de água fria”...

*Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia.*

---

*\*Carlos Alexandre Klomfahs é advogado, especialista em Direito Internacional dos Conflitos Armados e operador de Inteligência. Egresso curso de geopolítica da ECEME e estratégia marítima da Escola de Guerra Naval. É mestrando no Programa de Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa (PPGSID) da Escola Superior de Guerra.*

---